
Entrevistado/a: Carla Cristina Rodrigues Soares

Entrevistador/ales: José Edimar de Souza e Elisângela Dewes

Tema: História das Instituições Escolares; Enchente no Rio Grande do Sul (2024)

Data: 22 de maio de 2025

Local: EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff (São Leopoldo)

OBS.: Para obter a entrevista na íntegra, solicite pelo e-mail: jesouza1@ucs.br.

Trajetória profissional e vínculo com a instituição

Carla Cristina Rodrigues Soares, tem 50 anos, atua há 32 anos no magistério e integra a EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff desde 2006. No momento da enchente de 2024, exercia a função de diretora da instituição, compondo a equipe diretiva responsável pela tomada de decisões e pela organização das ações emergenciais.

A decisão de transformar a escola em abrigo

Com o agravamento das chuvas no final de abril de 2024 e a ampliação dos alagamentos em São Leopoldo, especialmente nas áreas próximas ao Rio dos Sinos, a escola colocou-se à disposição da Secretaria Municipal de Educação e da Defesa Civil para acolher famílias desalojadas. A abertura do abrigo ocorreu de forma emergencial na madrugada de 3 de maio, sem planejamento prévio, diante da superlotação de outros espaços e da gravidade da situação. A comunidade acolhida era majoritariamente composta por moradores de regiões atingidas do próprio município, sem vínculo prévio com a escola.

Organização e gestão do abrigo

A entrevistada relata que a gestão do abrigo se deu de forma gradual, baseada na experiência cotidiana da gestão escolar, ainda que sem orientações formais ou protocolos específicos. A escola permaneceu como abrigo por 45 dias e 46

noites, acolhendo, ao longo do período, cerca de 460 pessoas. Carla destaca que a equipe diretiva, professores e funcionários organizaram escalas de atendimento contínuo, alguns deles, inclusive, morando na escola durante todo o período. Doze funcionários da instituição também foram diretamente atingidos pela enchente, alguns dos quais passaram a ser acolhidos no próprio abrigo.

Reorganização dos espaços escolares

Os ambientes da escola foram ressignificados para atender às múltiplas necessidades do abrigo. Salas de aula foram transformadas em dormitórios, priorizando a preservação dos núcleos familiares e a segurança de mulheres, crianças e idosos. Criaram-se setores específicos para alimentação, rouparia (“quitanda”), higiene pessoal, enfermaria e atendimento médico. A cozinha passou a ser gerida pelas merendeiras da escola, possibilitando a preparação das refeições no próprio local. Ao longo do período, foram oferecidas até seis refeições diárias aos abrigados.

Rede de solidariedade e apoio

A escola recebeu amplo apoio da comunidade local, de doações vindas de diferentes estados do país e de redes solidárias organizadas via grupos de WhatsApp e redes sociais. Houve também suporte da Guarda Municipal, Brigada Militar, Guarda Nacional e rondas comunitárias, garantindo a segurança do espaço. A partir da segunda quinzena, a Secretaria Municipal de Saúde passou a oferecer atendimento médico regular no local, incluindo vacinação, consultas e distribuição de medicamentos.

Atenção às crianças e à saúde emocional

Com o prolongamento do abrigo, a equipe passou a se preocupar não apenas com as necessidades básicas, mas também com o bem-estar emocional dos abrigados. Foram organizadas atividades recreativas diárias para as crianças, espaços de leitura, brincadeiras no pátio e nos corredores, além de ações culturais, como apresentações artísticas, shows, teatro e momentos coletivos de convivência. Datas simbólicas, como o Dia das Mães, também foram celebradas.

Aprendizados e percepção da experiência

Ao refletir sobre a experiência, Carla destaca que a enchente evidenciou a igualdade das vulnerabilidades humanas, independentemente de classe social, e reforçou a importância da empatia, da escuta e da convivência solidária. Para a entrevistada, a escola-abrigou não apenas pessoas, mas memórias, histórias de vida e dores, exigindo uma postura ética de respeito e corresponsabilidade. Ressalta ainda que o trabalho realizado não foi entendido como “ajuda”, mas como uma prática coletiva de convivência e cuidado mútuo.